



IDENTIDADE E TRANSGRESSÃO: UM ESTUDO DE GÊNERO NA OBRA DE RACHEL DE QUEIROZ

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3805

Lauriane dos Santos Rosa, UFPR

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo apresentar os resultados finais da pesquisa de iniciação científica realizada conjuntamente com o DEHIS/UFPR. Seu intento é, por meio da análise dos primeiros romances escritos por Rachel de Queiroz - *João Miguel* (1932), *As Três Marias* (1939) e *Caminho de pedras* (1937) identificar os deslocamentos e as transgressões das personagens femininas em relação à moral vigente das décadas de 1930 no país. Buscou-se entender o modo com que as personagens femininas reproduzem as normas do período e, de maneira breve, também criar reflexões acerca da construção dos personagens masculinos, atentando para as relações entre o masculino e o feminino para, assim, desconstruir a naturalidade com que as diferenças entre essas categorias aparecem. Rachel de Queiroz é uma figura importante para a produção literária brasileira, suas contradições e seu estilo de escrita marcado pela tensão social são características notáveis da escritora, que mesmo não se autointitulando como uma escritora adepta do feminismo nos presenteia com mulheres cuja força e autonomia são características notáveis. Analisar a construção das personagens de Queiroz nos ajuda a compreender as relações e os comportamentos imputados à condição feminina, trazendo à tona inúmeras formas de contestação e desvio do caráter normativo do recorte temporal em questão. O trabalho também deu ênfase à importância da escrita feminina e da constituição de uma literatura de mulheres para os estudos de gênero, percebendo a potência política contestadora gerada pelo ato de escrever que, ao longo do tempo, foi retirada da discussão literária.

Palavras Chave:

Gênero; literatura;
mulheres; transgressão.

Introdução

Rachel de Queiroz é uma figura importante para a literatura brasileira. A escritora se debruçou, em seus primeiros romances, a retratar temas sociais, tais como as consequências trazidas pela seca no nordeste brasileiro e as condições precárias enfrentadas pela sociedade do período. Além disso, Queiroz também aponta para o papel desempenhado pela mulher no cenário brasileiro das décadas de 1930 e 1940. Queiroz nasceu em Fortaleza, no ano de 1910, e sempre possuiu um contato bastante próximo com a política – tema abordado com veemência em algumas de suas obras - o que lhe rende até hoje olhares desconfiados devido às contradições em seus posicionamentos. A escritora faleceu em 4 de novembro de 2003, deixando para trás um compilado de obras que inclui crônicas, romances e peças de teatro.

A escritora Cearense foi a primeira mulher a alcançar um lugar na Academia Brasileira de Letras (ABL), espaço predominantemente masculino, e embora afirmasse que sua literatura nunca possuiu características que a qualificassem como sendo “de engajamento”, Queiroz nos apresenta uma escrita cujo papel feminino se torna central e que diverge das representações e padrões imputados à figura feminina do período. (PEREGRINO; PEREIRA, 2012: 157)

Foi durante a década de 30 que Rachel de Queiroz iniciou sua carreira literária. *O Quinze* (QUEIROZ, 2004) primeiro livro da autora, apresenta Conceição. Personagem central da trama, Conceição é retratada como uma mulher forte e independente, que no meio das dificuldades causadas, principalmente, pela aridez do sertão nordestino não deixa de lado seus posicionamentos sobre sua condição de mulher. Conceição é uma figura cujo contraste com as questões sociais da época é marca característica. Em *Caminho de Pedras* (QUEIROZ, 2004) quem se destaca é a personagem Noemi. Publicada em 1937, a obra retrata a

tentativa da construção de uma organização de esquerda em Recife. É nesse cenário de conflitos sociais que Queiroz busca retratar os obstáculos e tensões enfrentados por Noemi, debatendo temas como o casamento e o adultério. Outra publicação assinada por Queiroz é *As três Marias* (QUEIROZ, 2005), romance que ganha bastante destaque quando nos referimos ao debate acerca das questões de gênero. O enredo, que constrói uma trajetória paralela entre a vida de três garotas que se conhecem num orfanato, mostra as diferenças e consequências das escolhas de Maria Augusta perante as demais figuras femininas da trama. Por fim, *João Miguel* (QUEIROZ, 1984) uma história de mulheres, mesmo tendo como centro a trama de um homem, coloca a prisão como tema de fundo central da narrativa.

Tomando como ponto de partida a leitura dessas obras, cuja ênfase repousará em *As Três Marias* e *João Miguel*, buscaremos analisar os movimentos de reprodução e afastamento que as personagens criadas por Rachel de Queiroz realizam perante a moral feminina dominante no espaço social em questão, atentando para práticas, posicionamentos e para a importância da presença da escrita feminina no contexto retratado. A partir dessa breve análise pretendemos enfatizar a importância de Rachel de Queiroz no âmbito literário brasileiro. A escritora conseguiu alçar a uma posição de destaque escrevendo, essencialmente, sobre a condição feminina e sobre o retrato social nordestino das primeiras décadas do século XX. É visível que Queiroz ganhou fama pela denúncia social apresentada, principalmente, na sua primeira publicação, *O Quinze*. No entanto, é importante também olhar para as questões de gênero impressas na obra da escritora, que mesmo não se autointitulando como uma escritora adepta do feminismo nos apresenta com mulheres cuja força e autonomia são características notáveis (MEMÓRIA RODA VIVA, 1991).

Resultados

Ao analisarmos a escrita de Rachel de Queiroz percorremos um breve caminho a respeito da Literatura de Mulheres. O ato de escrever é, antes de tudo, político. Inúmeros são os casos daqueles que, na tentativa de colocar suas denúncias e reivindicações numa folha de papel e torná-las públicas, sofreram com represálias, críticas e perseguições motivadas por diferentes fatores e exercidas de diferentes maneiras. A dificuldade em escrever, no entanto, era potencializada quando o sujeito da escrita tratava-se de uma mulher. Ser mulher e escrever eram condições encaradas como antagônicas dentro de uma estrutura social cujos papéis de gênero eram rigorosamente demarcados.

Debruçar-se sobre uma caneta tinteiro, um lápis ou uma máquina datilográfica foi, durante muito tempo, uma prática ligada ao âmbito masculino, a um espaço delimitado por uma fronteira social na qual as mulheres não podiam atravessar. Às mulheres, cunhadas como inferiores e possuidoras de um frágil intelecto, cabiam as tarefas domésticas, o cuidado dos filhos e a preocupação em construir um comportamento terno, passivo e que emanasse delicadeza. À mulher que escrevia destinavam-se adjetivos sinônimos de rebeldia e contravenção. Aquela que escrevia era, antes de mais nada, um símbolo de transgressão.

A palavra *transgressão* aparece definida nos dicionários da língua portuguesa como sinônimo de infração, violação e desobediência. No entanto, o ato de transgredir segundo Sardinha toma sentidos mais amplos e envolve uma cadeia de complexidades que nos leva a uma discussão mais aprofundada sobre a questão. A transgressão é um acontecimento do ser que ocorre nos limites do ser, acontecimento no qual esses limites são simultaneamente violados, revelados e abolidos (SARDINHA, 2010: 177). É em meio a

essas limitações que Rachel de Queiroz atua enquanto escritora e cria e recria suas personagens.

Em *As três Marias* (QUEIROZ, 2005) Queiroz cria um ambiente propício para que os limites comportamentais das personagens sejam explicitados de forma nítida, o que causa certa sensação de desconforto no leitor. É num orfanato, instituição religiosa cujas normas devem ser obedecidas com rigor, que Rachel de Queiroz apresenta Guta (Maria Augusta), moça jovem que nos impulsiona a todo instante a refletir acerca das atribuições da mulher na sociedade brasileira das primeiras décadas do século XX.

Narrado sob a perspectiva de Guta, Queiroz coloca nas várias personagens femininas da obra as características imputadas às mulheres: Casar, ter filhos, realizar tarefas domésticas e nunca abandonar os traços da “submissa feminilidade”. Guta, no entanto, tende a fugir a essas imposições:

[...] quanto a mim, a minha vaidade era mostrar as pernas. Tinha horror às saias compridas do uniforme, vivia dobrando secretamente os embainhados, sem me importar com os protestos de Maria José e Glória que me chamavam de imoral. (QUEIROZ, 2005: 29)

E como me horrorizavam, minha Nossa Senhora, as camas por fazer, as meias por cerzir, as mesas a pôr e a tirar, as famosas semanas de cozinha que eu deveria revezar com minha madrastra! O fim apologético daquilo tudo era preparar em mim futura mãe de família, a boa esposa chocadeira e criadeira. (QUEIROZ, 2005: 63)

Guta se nega a realizar aquilo que dela é esperado. A moça sonhava com a independência e com a liberdade. Diferente das outras personagens, Guta pretende não ceder à condicionante de enxergar na instituição matrimonial a única saída para a vida da mulher, procurava ultrapassar os limites criados

para sua condição feminina. Não se preocupava em criar uma aura de docilidade à sua volta. No entanto, embora fuja a essas caracterizações, Guta ainda é descrita pela autora como alguém que busca e acredita no verdadeiro amor. Fato que é aprofundado no romance com a trágica relação que a personagem possui com Raul, um pintor que enfrentava problemas no casamento.

Outra personagem criada por Rachel de Queiroz é Noemi, de *Caminho de Pedras* (QUEIROZ, 2004). É em *Caminho de Pedras* que Queiroz nos apresenta com maior nitidez algumas angústias da classe trabalhadora. É com a tentativa de criação de um movimento de esquerda em Recife que os conflitos de classe são enfatizados pela escritora, como sugere o trecho a seguir:

[...] - O operário não tem culpa de saber ler, porque vive debaixo do chicote do burguês, trabalhando! [...]. Todos se tinham envolvido na discussão, todos gritavam. Aquela gente repetia apaixonadamente chapas sonoras, tais como as havia lido nos livros de divulgação. Mas, debaixo daqueles “burguês”, “classe”, debaixo de toda aquela gíria decorada, palpitava o calor apaixonado de convicções violentas, havia ódio, cólera e desejo de desforra. (QUEIROZ, 2004: 11)

A angústia e a dúvida conduzem a trama, e é em meio a esse cenário que surge Noemi. Diferente de Guta, Noemi já havia passado da fase jovem das descobertas e questionamentos da vida. Em meio a um casamento desgastado, um filho ainda pequeno e trabalhando num estúdio fotográfico, Noemi se esforça para participar da militância que aos poucos ganhava forma nas ruas de Recife. A personagem, embora procure cumprir seu papel de mãe e esposa com dedicação, não escapa de demonstrar seu descontentamento com os seus desejos e anseios sufocados pelo casamento, como quando caminha de volta para casa na companhia de dois homens:

Sentia que confusamente vinham à tona, naquele instante, todos os seus sentimentos e desejos sufocados desde pequenina, que se tinham enquistado lá dentro, bem fundo - porque se envergonhava deles, porque diziam que era pecado, mas agora se mostravam estranhamente nítidos e atuais, atropelando-se uns aos outros, desiguais, reabilitados, novíssimos. [...] Seus ansiosos desejos de adolescente, a que o casamento decepcionara, cortara as asas. (QUEIROZ, 2004: 52-53).

Noemi, no entanto, acaba por divorciar-se de João Jaques em detrimento de Roberto. A separação e o possível adultério por parte de Noemi não são vistos com bons olhos pela sociedade, havia o interdito à ação de uma mulher anteriormente casada se envolver novamente com qualquer que seja (BASSANEZI, 2008). A separação repercutiu em diversos âmbitos da vida da personagem e custou-lhe o emprego na fotografia. O motivo da demissão dizia respeito exclusivamente ao fato de Noemi ter ido de encontro ao que dela era esperado enquanto mulher: ser mãe de família e dedicar-se às tarefas do lar. Pois o estúdio de fotografia era frequentado por “famílias, a freguesia principal era de primeiras comunhões, noivas, grupos de pai, mãe, filharada...” (QUEIROZ, 2004: 113) e Noemi violou as regras, atravessou as fronteiras imaginadas para ela.

Cabe apontar também que desde o início da narrativa, Queiroz se propõe a dar ênfase ao âmbito político, expondo reuniões e discussões dentro de setores da militância da esquerda no nordeste do país. Pensamos que retratar o ambiente político age como forma de denúncia por parte da escritora, que se preocupa não somente em apontar a luta do proletariado, mas também em demonstrar alguns erros dentro do próprio movimento, como é o caso da ausência feminina nos círculos de debate político do período.

Em *João Miguel*, romance de

1932, Queiroz traz à tona as angústias de um prisioneiro e dos pequenos dramas de quem o acompanha no cárcere (OLIVA, 2014:400). A personagem feminina presente na obra é Santa que, embora cumpra o papel secundário em meio aos acontecimentos da narrativa, apresenta-nos as características que chamam a atenção na construção da imagem da mulher criada por Rachel de Queiroz. Santa vive uma relação de amáσιο com João Miguel que, logo no início da trama, comete um assassinato. Santa acompanha João em seus primeiros dias na prisão e evidencia em diversos momentos o seu amor pelo personagem. No entanto, o contínuo sentimento de desconfiança e as demonstrações de ciúme por parte de seu companheiro suscitam na personagem desconforto necessário para repensar sua relação, como sugere o trecho a seguir:

[...] Santa sentou-se novamente.

- Que é que tu quer com essas perguntas, João? Já pega nos malditos dos teus ciúmes? Nem na cadeia se esquece?

O preso olhou-a com mais dureza, com mais desconfiança:

- E por que é que eu havia de me esquecer? Você andando soltinha de canga e corda? [...]

-Para que todas essas besteiras, João? Se eu não quisesse ser firme a você, quem é que me empatava? Se eu não lhe deixo é porque não tenho outro em mente... (QUEIROZ, 1984:153)

É em meio a esse cenário que Santa decide por abandonar João Miguel e iniciar um relacionamento com Salu, um soldado com quem a personagem já possuía um vínculo de amizade. Queiroz procura colocar em Santa as características de uma mulher forte e livre na sua maneira de agir. Santa não se prende a um relacionamento que a desgasta e que se pauta num contínuo sentimento de desconfiança. Assim, mais uma vez,

Queiroz nos mostra uma personagem que anda na contramão das normas sociais do período.

Cabe atentar que *João Miguel* é uma obra que nos ajuda a compreender algumas características presentes em personagens masculinos, o que se torna fundamental para uma história de gênero, podendo talvez ser objeto de estudos mais detalhados posteriormente. O presente trabalho, dessa maneira, pretende somente indicar essa possível leitura.

Considerações Finais

Rachel de Queiroz foi tema de estudo para muitos trabalhos acadêmicos voltados à temática de gênero. No entanto, analisar as obras de Queiroz sob a perspectiva de transgressão, baseada na obra de Michel Foucault, permite novas possibilidades de escrita e compreensão acerca da obra da escritora.

As personagens Guta, Noemi e Santa, por meio de seus comportamentos desviantes à regra social, permitem que compreendamos algumas das fronteiras impostas ao comportamento feminino e o que caracteriza o ato de transgredir. Pois somente é possível desvelar o nosso ser no momento em que as fronteiras são violadas. As personagens, ao se darem conta da violação ao comportamento feminino que delas era esperado, eram permeadas pelo caráter imoral, distante dos sentimentos pueris considerados “inerentes” à alma feminina.

A escritora, mesmo não declarando sua proximidade com o pensamento feminista, expõe em suas obras as dificuldades enfrentadas pela condição da mulher em um período em que as normas e limitações eram ainda mais rigorosas e delimitadas. Rachel de Queiroz escreve num momento em que a literatura de âmbito público ainda repousava nas sombras da escrita masculina e falocêntrica. Escrever sendo mulher e sobre mulheres transgressoras era, antes de tudo, um ato transgressor. Dessa maneira, pensar os

comportamentos desviantes e transgressores por parte dessas personagens nos faz refletir sobre as mudanças e continuidades presentes no difícil papel exercido pela mulher na sociedade.

Referências

CRÓNICA DE Alfonso X. (Ed.). Manuel González QUEIROZ, Rachel de. **As três Marias**. 24ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

_____. **Caminho de Pedras**. 12ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

_____. **O Quinze**. 77ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

_____. **João Miguel**. 8ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.

MEMÓRIA RODA VIVA (São Paulo). FAPESP (Org.). **Entrevista Rachel de Queiroz**. 1991. Disponível em: <[http://www.rodaviva.fapesp.br/materia_busca/407/Raquel de Queiroz/entrevistados/rachel_de_queiroz_1991.htm](http://www.rodaviva.fapesp.br/materia_busca/407/Raquel%20de%20Queiroz/entrevistados/rachel_de_queiroz_1991.htm)>. Acesso em: 01 jul. 2016.

TELLES, Norma. **Escritoras, rebeldes e abolicionistas**. In: Revista de História (USP), São Paulo, n. 120, p.73-83, jan. 1989.

GALVÃO, P. **Parque Industrial**. São Paulo: José Olympio, 2006.

MOURA, Maria Lacerda de. **A mulher é uma degenerada?** São Paulo: Typ.Paulista, 1924, 1ª ed.; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1932, 3ed.

_____. **Em torno da Educação**. São Paulo: Teixeira, 1918.

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos Anos Dourados. In: DEL PRIORE, Mary (org.) **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008;

OLIVA, Osmar Pereira. **Rachel de Queiroz e o romance de 30: ressonâncias do socialismo e do feminismo**. In: Pagu, Campinas, n. 43, p.385-415, jul. 2014.

GUERELLUS, Natália de Santanna. **VAE SOLIS: Gênero, Cultura e Sociedade nos Romances de Rachel de Queiroz (1930-1939)**. 2008. 82 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

NAHES, Semiramis. **A imagem da mulher no**

Estado Novo (1937/1945). 2007. 168 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Unimar, São Paulo, 2007.

RICHARD, Nelly. A escrita tem sexo? In: **Intervenções crítica: Arte, cultura, gênero e política**. Trad. Romulo Monte Alto. Belo Horizonte: UFMG, 2002, p. 127-141

CANDIDO, Antonio. Crítica e sociologia. In: **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2009. Cap. 1. p. 13-27.

SCOTT, Joan W. **A Invisibilidade da Experiência**. In: Projeto História. São Paulo, 1998, p. 297-325.

RAGO, Margareth. Cultura Feminina e Tradição Literária no Brasil (1900-1932). In : Swain, Tânia Navarro, e Muniz, Diva Couto Gontijo (org.). **Mulheres em Ação : praticas discursivas, práticas políticas**. Editora PUC Minas/ Mulheres : Santa Catarina, 2005.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura: discurso e história. In: **Revista O eixo e a roda** vol. 9/10, Belo Horizonte, 2003/2004, pp.195-219.

PEREGRINO, Miriane da Costa; PEREIRA, Victor Hugo Adler. A (im)pertinente: questões de gênero e engajamento na literatura de Rachel de Queiroz. In: **Miscelânea**, Rio de Janeiro, v. 11, p.150-173, jan. 2012.

SARDINHA, Diogo. As duas ontologias críticas de Foucault: da transgressão à ética. In: **Trans/Form/Ação**, vol. 33, nº 2, Universidade de Marília/São Paulo, 2010, p.177-192.

GALLANTIN, Daniel. A presença de Georges Bataille no pensamento de Michel Foucault: entre o ser da linguagem, insurreição e atitude crítica. In: **Revista Dois Pontos**.

MARTINS, José Carlos. Desvio e diferença no pensamento de Foucault: Uma transgressão libertária. In: **Verve**, nº 4, São Paulo, 2003. p. 56-66

FOUCAULT, Michel. “Préface à la transgression” (1963). In: *Dits et écrits*, t. 1. Paris: Gallimard, 1994. p. 233-250. Edição brasileira: “Prefácio à Transgressão”. Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. In: **Ditos e Escritos III**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2001. p. 28-46.

MACHADO, Roberto. “A arqueologia do saber”. In: **Foucault, a ciência e o saber**. Rio de Janeiro, Zahar, 2009.